

Autor: Samilla Ellen Silva Sena

Instituição de ensino: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – Campus Araguatins. Povoado Santa Teresa - KM 05 - Zona Rural - CEP 77950-000 - Araguatins-TO.

Titulo “- Encontrada a roupa para o domínio do mundo.”.

Diz-se que os piores cegos são aqueles que não querem ver. Conforme o adágio, realmente são cegos os que vedam os olhos e não percebem o crescimento da mulher em áreas inimagináveis há tempos atrás. Um autor desconhecido, disse que as mulheres não conquistaram o mundo - ainda- por não terem encontrado as vestes a seus olhos adequadas, porém, descobrem a força residente nelas e os meios de fazê-lo, cada vez mais.

A brincadeira de boneca resiste ao tempo, mas também ao longo dele, começa-se a brincar de arquiteta, presidente, empresária, e refuta-se a ideia de que foram criadas para tão somente estruturar um lar e servi-lhe incondicionalmente em detrimento aos seus desejos, e sonhos.

E em nome desses sonhos, a mulher, transforma seus anseios em busca, e corre atrás de seus direitos. John Lennon falou que: “A mulher é o negro do mundo. A mulher é a escrava dos escravos. Se ela tenta ser livre, tu (homem) dizes que ela não te ama. Se ela pensa, tu dizes que ela quer ser homem.”, e contra os avanços mundiais, infelizmente, persistem pensamentos como este descrito, e não apenas por conta de homens, como por mulheres que caminham no terreno da submissão e não dão ouvidos à luta pela igualdade. Como se não bastasse, esses cidadãos pelo globo espalhados, semeiam na mente das futuras gerações tão incongruentes conclusões.

As escravas de um governo que não atendia as necessidades, e muito menos considerava suas cidadãs, privando-as do direito ao voto, educação e até mesmo aqueles manifestados sobre a gestação, progressivamente tornaram lícitos tais prerrogativas durante as diversas lutas no decorrer da história, com ênfase as que ocorreram durante o século XIX, não por serem de maior glamour, tão somente porém, por demonstrar a libertação da sociedade e salvação de conceitos retrógrados de forma mais intensa.

Há aqueles que se usam de um ser supremo, para justificarem tais atitudes, tendo os mesmos olhos que leem que “... o homem será a cabeça...”(Co 11:3) ignorando o trecho “Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele”(Gn. 2:22).

Todavia, a causa não perdeu força por motivos de tal linha de raciocínio, pelo contrário, desabonaram-se os preconceitos, e até mesmo um dos grandes pensadores da história, Shakespeare, em sua frase “Fragilidade, o teu nome é mulher!”. Isto é demonstrado por outros autores, Martin, personagem do livro Iracema de José de Alencar, aprendeu que a mulher é símbolo de ternura e amor. E anos mais tarde, na mesma escola literária e pelas mãos do mesmo autor, nasceu Aurélia Camargo, intitulada “Senhora”, que não é isenta de amor e ternura, mas integrada a estas qualidades apresenta tal independência e competência que impressiona e é superior a de homens que compõem a obra.

A rainha do lar abriu espaço para a profissional, sem deixar a família em segundo plano. Em 2011, 19.206.197 mulheres estavam empregadas com carteira assinada segundo a Relação Anual de Informações Sociais (Rais) do MTE. Elas estão alcançando as mais variadas áreas de trabalho de forma exponencial e com louvor. "As mulheres são atenciosas, detalhistas, cuidadosas ao manusear os equipamentos e se adaptaram bem nesse mercado, que era exclusivamente masculino", são palavras do diretor de operações da MIP Edificações, Márcio Afonso Pereira, evidenciando pontos positivos na inserção de profissionais do conhecido sexo frágil.

A opinião de Márcio Afonso Pereira não é um caso isolado, o mercado de construção civil recebeu mais de 200 mil trabalhadoras segundo a CBIC (Câmara Brasileira da Indústria da Construção), assumindo um âmbito que foi totalmente caracterizado pelos homens ainda neste século.

A expressão do trabalho feminino não se restringiu a construção civil, teve um grande ingresso de funcionárias na metalurgia, infelizmente, não englobadas na igualdade de gêneros, pois mesmo com 445 mil operárias em 2012 seus salários se mostravam 27,9% menores que o salário masculino, apesar de um taxa de 15,48% das mulheres terem completado a ensino superior, contra um índice de 9,27% referentes aos homens.

Nada justifica a exclusão da mulher de vários meios sociais. Mostra-se mais que provado que a capacidade de exercer suas funções, seja no emprego, seja no lar, são características presentes nas mulheres modernas. Suas peculiaridades são bônus dentro do seu local de trabalho, tendo um tato que muitas vezes é despercebido ao homem.

Leis como Maria da Penha, Garantia de exame anual de mamografia e a lei que prevê pensão alimentícia durante gestação devem ser incentivadas para atribuir conforto e cidadania e educar uma sociedade que conhecia a escrava sexual a olhar para a cidadã e digna de respeito.

Opondo-se a ideia de Luis Fernando Veríssimo, a mulher não quer subjugar o homem a suas antigas funções, nem os considera dispensáveis. É, no entanto por já terem e serem consideradas assim que clamam por uma realidade comum e não a que é tão menosprezada e muitas vezes declarada que não pode ser executada pelo “sexo forte”.